

ESTAÇÃO
Favela

*Mossa
história*

NAS PERIFERIAS DE FORTALEZA

2024-2025

ESTAÇÃO *Favela*

O “Estação Favela” configura-se não apenas como um projeto, mas como um movimento. Originado nas periferias de Fortaleza, transforma histórias de exclusão em narrativas de potencialidade. Este portfólio é uma homenagem aos estudantes que aspiraram grandiosamente, aos instrutores que serviram de elo e à CUFA, que elevou a comunidade a um palco de transformação.

Governo Federal

Presidente da República do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-Presidente da República do Brasil

Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho

Ministra de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania

Macaé Maria Evaristo Dos Santos

Universidade Federal

do Ceará

Reitor

Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Diana Cristina Silva de Azevedo

Pró-Reitor de Extensão

Bernadete de Souza Porto

Pró-Reitor Adjunta

De Cultura

Carlos Estêvão Rolim Fernandes

Coordenadora Geral - Estação Favela

Morgana Melca Braga Sampaio

Coordenadora Executiva - Estação Favela

Cristiane Sampaio Rocha

Coordenadora Executiva - Estação Favela

Mirian Narjara Pires Rocha

Central Única das Favelas - CUFA

Co-fundador da CUFA

Francisco José Pereira de Lima (Preto Zezé)

CUFA - Ceará

Felipe do Nascimento Sousa - Mobilizador (Poço da Draga)

Francisco Wilton dos Santos (Piqqueno) - Mobilizador (Barroso)

ESTAÇÃO
Favela

Fortaleza

2025

A UFC ENCONTRA MUITAS HISTÓRIAS

Da periferia para qualquer território global.....	11
Os territórios impactados com o Estação Favela	14
O processo desenvolvido na comunidade.....	18
A transformação em números.....	20

A TRANSFOR- MAÇÃO EM NÚMEROS

8

20

NOSSAS VOZES

24

NOSSO MOVIMENTO

74

O PRESENTE PARA OUTROS FUTUOS

96

Ser farol para comunidades se desenvolverem em todos os seus potenciais.....	98
--	----

A UFC ENCONTRA MUITAS HISTÓRIAS



"Em Fortaleza, onde 30% da população reside em periferias, o acesso à capacitação e mercados apresenta-se como um desafio. O Estação Favela iniciou as atividades em 2024 como uma resposta concreta: um ecossistema que integra cultura, capacitação e comercialização para empreendedores da periferia".



Da periferia para qualquer território global

O Estação Favela é uma iniciativa de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) e a Central Única das Favelas (CUFA). Com foco na capacitação e inclusão social de comunidades periféricas de Fortaleza, o projeto utiliza a educação como principal ferramenta para promover o desenvolvimento local e criar oportunidades para os moradores das comunidades do Poço da Draga e do Barroso, em Fortaleza, fortalecendo sua formação profissional e social.

As tratativas para a implementação do projeto tiveram início no último trimestre de 2023, com uma série de reuniões e ajustes entre a UFC e o MDHC. Nos primeiros meses de 2024, as atividades foram centradas no planejamento, na seleção da equipe, em visitas às comunidades e nos procedimentos burocráticos necessários para a regularização institucional do projeto na UFC.

Já em maio de 2014, o Estação Favela avançou de etapa e começou a oferecer aulas, divididas em quatro eixos temáticos: liderança, empregabilidade, tecnologia e educação financeira. Essas formações são direcionadas às comunidades do Poço da Draga e Barroso, abordando desafios específicos de cada local. Além dos cursos, o Estação Favela organiza

feiras e eventos que valorizam o saber comunitário e promovem a cultura local, ao mesmo tempo em que busca fortalecer os laços sociais.

O público-alvo do projeto inclui prioritariamente jovens, mulheres e pessoas negras, com o objetivo de fomentar a equidade e melhorar a qualidade de vida nas comunidades atendidas. O projeto se diferencia ao integrar saberes acadêmicos e locais, gerando impacto duradouro e potencializando o desenvolvimento social e econômico dessas regiões.



Público: 80% mulheres, 60% jovens de 18 a 35 anos, todos compartilhando o objetivo de viver de seu trabalho com dignidade.

Nossa Missão

>> Democratizar o conhecimento técnico.

>> Promover feiras que funcionem como plataformas de exibição de talentos.

>> Gerar renda e fortalecer a autoestima de indivíduos historicamente marginalizados.

Os territórios impactados com o Estação Favela

Com cerca de 2 mil habitantes em 3,55 hectares, a comunidade do Poço da Draga tem 119 anos de história. A ocupação do território remonta a pescadores e trabalhadores que atuavam no antigo porto da cidade. De acordo com pesquisa realizada pela UFC, 28,6% dos moradores têm ensino fundamental incompleto, 19% possuem ensino médio incompleto, e 9,5% não sabem ler ou escrever (fonte: Revista da ZEIS – Poço da Draga / 2019).

O Poço da Draga é classificado como Zona Especial de Interesse Social (Zeis) pelo Plano Diretor foram consideradas como prioritárias, que têm a exigência de preparação dos Planos Integrados de Regularização Fundiária (Pirf). A UFC é a instituição responsável pela produção do Pirf do Poço da Draga, o que demonstra o grau de vínculo e conhecimento da universidade sobre o território. Nessa mesma região será instalado o Campus Iracema da UFC, o qual teve anúncio oficial, com um aporte inicial de R\$40 milhões para a construção da estrutura, realizado em junho de 2024, pelo presidente da República.

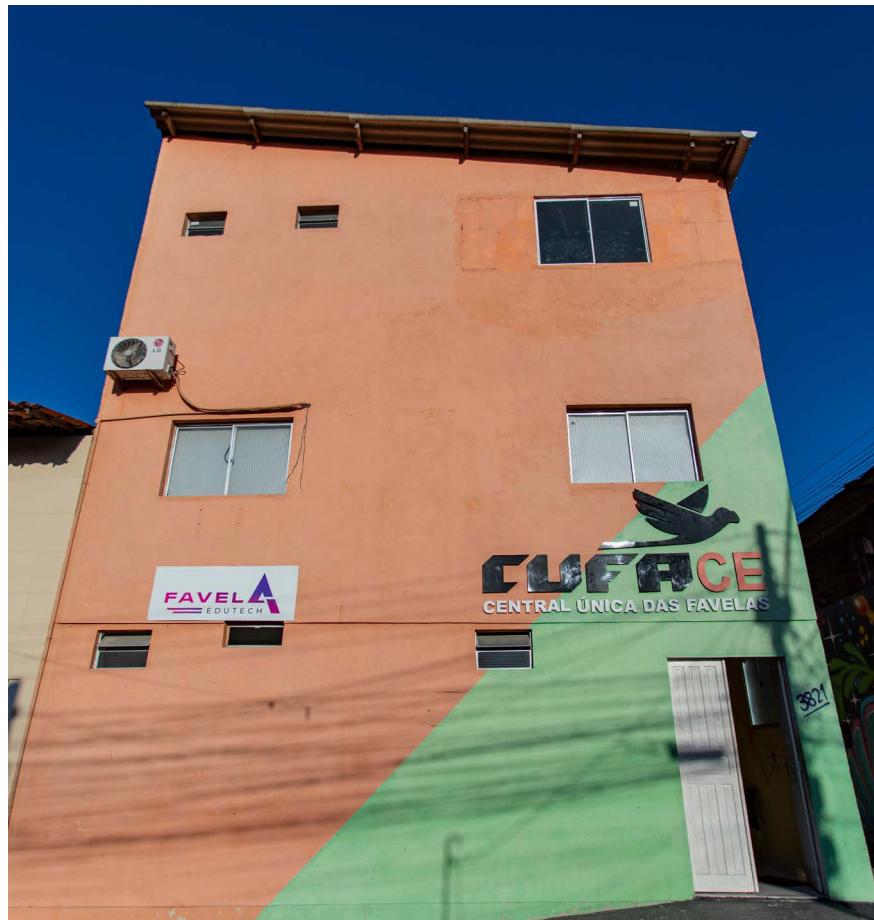
Já no território do Barroso e Cajazeiras, que possuem cerca de 45 mil habitantes e uma população jovem, sendo 60% de mulheres, as principais demandas incluem o estímulo ao empreendedorismo, capacitações técnicas e gerenciais, apoio à reciclagem e à formalização de pequenos negócios.



Transformar vulnerabilidades em oportunidades de desenvolvimento local integrado e sustentável.

A região também tem grande potencial para o desenvolvimento de polos culturais e de inovação, com atividades artísticas, expansão de internet banda larga e formação de lideranças nas áreas de negócios e políticas públicas.

Tanto o Poço da Draga quanto o Barroso, possuem capacidade significativa de articulação social, cultural e de negócios para atuar como transformadores dos espaços de convivência e interação, transformando vulnerabilidades em oportunidades de desenvolvimento local integrado e sustentável.



Apesar das potencialidades de ambos os territórios, cabe informar que as comunidades escolhidas para atuação do projeto estão localizadas em regiões da cidade de Fortaleza que passam por intensa deflagração de conflitos para dominação do território. São áreas pauperizadas, com assistência insuficiente do Estado, que vivenciam um cotidiano de insegurança, vulnerabilidade socioeconômica e violência.



A realidade dessas comunidades exige, portanto, uma abordagem cuidadosa e estratégica, para garantir que as atividades propostas sejam sensíveis ao contexto local e promovam um ambiente seguro para os participantes.

O processo desenvolvido na comunidade

Não fornecemos manuais predefinidos; construímos conhecimento em conjunto com a comunidade.

» **Diagnóstico Participativo:** consultamos 150 empreendedores para identificar suas necessidades.

» **Articuladores da comunidade:** contratamos membros de referência das comunidades para articular os cursos.

» **Seleção de instrutores:** após a definição da temática dos cursos, os instrutores foram selecionados e o conteúdo programático foi elaborado e submetido à aprovação.

» **Aulas e avaliações:** as aulas são ministradas com avaliações periódicas para garantir a compreensão e a assimilação do conteúdo.

» **Oficinas Práticas:** aulas de gestão financeira com linguagem acessível (ex.: 'Sustentabilidade Financeira do Seu Negócio') e mentoria individual para planejamento estratégico.

» **Certificação:** ao final do curso, os alunos recebem certificados emitidos pela Universidade Federal do Ceará.

» **Feiras como Eventos Culturais:** infraestrutura profissional (estandes, iluminação, divulgação) para valorizar os produtos e Integração com artistas locais (grafite, música).

A transformação em números

Em 18 meses, o Estação Favela comprovou o retorno do investimento na periferia.



>> Mais de 150 empreendedores capacitados.



>> Mais de 50 cursos realizados.



>> 5 feiras realizadas, com um público total de 5.000 pessoas.



>> Visibilidade da periferia por meio de mídia expontânea (rádio e TV).

NOSSAS VOZES

**Acreditar sempre na educação
como potente ferramenta de
transformação social.**

A voz de
quem tem
ação para
a favela



CUSTÓDIO ALMEIDA

Reitor da UFC

Com foco na capacitação e inclusão social de comunidades periféricas de Fortaleza, o projeto Estação Favela apostava na educação como motor de desenvolvimento local. Custódio Almeida, reitor da UFC, mestre em Sociologia e doutor em Filosofia, é o principal ator da UFC para a viabilização do projeto. Membro do Conselho Estadual de Educação e cientista-chefe da Cultura no Ceará, ele fala nesta entrevista sobre a importância do projeto para fortalecer o compromisso social da universidade.

Estação Favela: Professor Custódio, a UFC desenvolveu, junto com a CUFA e o Ministério dos Direitos Humanos, o Estação Favela, um projeto que foi até as comunidades, com um foco muito específico em ações para as pessoas que vivem nas periferias, e agora estamos caminhando para o encerramento desta iniciativa. Como você avalia o impacto desse projeto para as comunidades envolvidas, os alunos e as alunas que foram capacitadas dentro dessa união institucional?

Custódio Almeida: Esse é um projeto muito interessante. É o tipo de projeto que a UFC gosta muito de fazer. Nós articulamos isso ainda em 2023, com a CUFA e o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, e começou a funcionar a partir de janeiro de 2024. Na verdade, é um projeto de formação com temáticas bem interessantes para as comunidades. São 2.400 horas de oferta, de formação nas áreas de empregabilidade, de tecnologia, de educação financeira e de liderança. São áreas que interessam, que ajudam as pessoas a se encontrarem no mundo do trabalho. Então, com certeza, é um projeto de cidadania, é um projeto de resgate de pessoas, de conquista de espaço para muita gente. E a gente está muito feliz com os resultados, porque a diplomação, vamos dizer, a certificação dessas pessoas tem acontecido regularmente. É um projeto que precisa continuar, porque vai ganhando a credibilidade da juventude, na medida em que os pares vão avisando que foi bom, que conseguiram determinados espaços a partir daquele curso que foi feito. E eu tenho certeza que uma renovação com o Ministério para uma nova edição do Estação Favela será muito bem-vinda. As pessoas da UFC estão bem engajadas nisso, e é algo que tem público, tem uma juventude carente disso. Eu citaria o

Poço da Draga, por exemplo, que foi o lugar onde a gente começou. Essas comunidades ganham espaços específicos para esses encontros, para esses cursos. E eu acredito que é o tipo de projeto que ensina muito para os estudantes da UFC que são envolvidos, para os técnicos e os docentes que se envolvem. É muito forte, muito promissor, muito emancipador para as juventudes que participam das comunidades.

Estação Favela: Como você enxerga a coincidência de ter a aprovação do projeto quando o Campus Iracema também está chegando ao Poço da Draga? E aproveito também para perguntar: você viu o projeto ser criado, ainda no papel, e vê agora depois de executado. Saiu do jeito que você pensava quando essa articulação foi feita? Acredita que essa chancela de certifica-

“Com certeza, é um projeto de cidadania, é um projeto de resgate de pessoas, de conquista de espaço para muita gente.”

ção da UFC confere ainda mais credibilidade para os cursos que foram oferecidos?

Custódio Almeida: Foi um grande presente para a UFC o projeto ter começado no Poço da Draga, porque o Poço da Draga hoje é vizinho da UFC. Naquela época, em dezembro de 2023, era tudo projeto, e agora a UFC já está presente. A relação da universidade com o Poço da Draga se transformou em uma relação orgânica, uma relação real. De minha parte, tive a oportunidade de conhecer de fato o Poço da Draga muito a partir desse projeto, porque estive lá algumas vezes. Depois fui fazer andar nos arredores, conhecendo mais ainda. Hoje sou reconhecido pelas lideranças locais. Estive, por exemplo, também no Poço da Draga, celebrando os 119 anos de existência da comunidade. Então, essa coincidência foi muito boa. O resultado de um projeto como esse é o resgate de pessoas, resgate de juventude e abertura de espaços e de oportunidades. E é isso que a gente quer. Acho que um projeto de extensão é um projeto onde a universidade se relaciona com as comunidades, se relaciona com a cidade, se relaciona com o mundo. E essa relação é uma relação de aprendizagem para a universidade, para os estudantes, para os servidores técnicos e docentes envolvidos, e é um serviço também que a gente consegue prestar para a comunidade. A nossa vontade é que projetos como esse continuem crescendo. E a gente continua buscando financiamento, como foi no caso do Estação Favela, nessa relação com a Central Única das Favelas e o Ministério de Direitos Humanos e Cidadania.

Estação Favela: E qual é a importância de ter a UFC cada vez mais próxima das comunidades?

Custódio Almeida: Eu tenho dito que a universidade tem obrigação, mais do que nunca, de ir para as comunidades, de se encontrar e de ter projetos, porque as comunidades já estão na universidade. A gente tem que lembrar que, desde que nós temos a Lei de Cotas e de que o ENEM/SiSU oportunizou a chegada das pessoas aqui na UFC, as comunidades das cidades onde a UFC está instalada também estão na universidade. Se você entrar em qualquer curso e perguntar aos estudantes quais são os seus territórios, quais são os seus bairros, vai perceber que tem estudantes de diferentes comunidades da Grande Fortaleza e da Região Metropolitana. Isso significa que as comunidades estão estudando na UFC, tanto em Fortaleza quanto nas unidades fora da sede, em Sobral, Quixadá, Russas, Cratéus e Itapajé. Além disso, nós temos hoje a obrigação da curricularização da extensão. Ou seja, é uma oportunidade muito grande, não só da universidade ir até a comunidade, mas de se encontrar com pessoas das comunidades que já estão aqui e fazer, de fato, um encontro de aprendizagem, de desenvolvimento de projetos nos seus diferentes territórios. Ir para a comunidade antes da lei de cotas é muito diferente de ir para a comunidade depois da lei de cotas, porque ir agora é ir junto, não é como um ente estranho que chega lá. É chegar junto com quem estuda na UFC e é de lá. Então, é muito mais fácil fazer esse encontro.

Da vivência local à liderança social: uma voz que representa



PRETO ZEZÉ

Cofundador da CUFA

O Estação Favela atua nos territórios com forte capacidade de articulação social, cultural e econômica. O projeto reconhece tanto os desafios quanto as potencialidades desses espaços, promovendo ações que visam ao desenvolvimento local de forma integrada e sustentável. Por meio de um diálogo constante entre as lideranças envolvidas, as atividades são pensadas de forma alinhada ao contexto, buscando atender às necessidades reais das comunidades. O cearense, empresário e ativista social Preto Zezé é um líder amplamente reconhecido entre as comunidades periféricas. Cofundador da CUFA Brasil e atual presidente da CUFA no Rio de Janeiro, nesta entrevista ele celebra o impacto positivo da parceria nas comunidades.

Estação Favela: Para a CUFA, qual é a relevância do projeto Estação Favela?

Preto Zezé: Eu acho que a primeira coisa é o poder de conectar a universidade com as sabedorias que a favela tem. Eu acho que esse é o primeiro ganho de quebrar essa distância. Eu disse: "Custódio (Almeida, reitor da UFC), a favela já está na UFC, é hora da UFC vir para dentro da favela". E isso foi em um tempo muito difícil, porque a imagem da UFC estava muito ruim, tinha muito "disse me disse" sobre a UFC vir (para o Poço da Draga, com o Campus Iracema) e tirar a favela daqui. E eu disse: "isso tudo é mentira, mas, a única forma de a gente provar isso vai ser começando esse trabalho". Então, acho que a parceria também é uma mudança de visão da universidade para a favela e da favela para a universidade, mas derrubando o preconceito, derrubando muros e construindo pontes.

Estação Favela: A Central pretende replicar a experiência em outras comunidades?

Preto Zezé: Com certeza. A gente já expandiu lá para o Barroso, que está bem bacana. A gente agora vai solicitar ao Ministério dos Direitos Humanos a renovação do projeto com ampliação para outras favelas. A gente teve que descobrir um pouco também como era a burocracia da universidade, como era a dinâmica maluca da favela. Então, acho que a gente conseguiu encontrar um meio termo entre como é que a gente quer uma burocracia mais flexível e uma dinâmica mais organizada. Com certeza agora a gente vai dar um passo novo, porque tem muita gente que descobriu muitas coisas. Eu acho que teve muito aprendizado. Eu estava até falando para a Morgana (Sampaio, coordenadora geral do projeto) e para o Cus-

*Conhecimento é força.
Conhecimento é liberação.
Conhecimento é portas abertas.
Conhecimento é uma nova forma
de olhar as coisas.*

tódio que a gente tinha que publicar os aprendizados que a gente teve. Aprendizados que não são só sucessos não, tá, gente? Vocês estão vendo as coisas dando certo, as fotos, os vídeos. Mas teve muita coisa que deu merda, que deu tudo errado. Que a gente fez e teve que fazer de novo. Que a gente achava que estava certo, mas estava errado. Que a gente descobriu, achando que era uma coisa, mas era outra. Além das relações que se constroem entre as pessoas, as lideranças que se formam, os conhecimentos que a gente leva para a galera e a forma que a galera utiliza os conhecimentos. Gente que achava que nem tinha condição de descobrir tal coisa e se descobre líder de alguma ação. Então, acho que o projeto é um revelador de talentos.

Estação Favela: Como vocês avaliam a experiência de ter o foco do projeto nas mulheres e nos jovens?

Preto Zezé: Eles são a maioria da favela. Acho que são o foco de tudo que você faz hoje. Não tem como fugir do foco em mulheres e jovens, até porque são as pessoas que convivem, vivem e

decidem as coisas nesse território. Então, (sem eles) você não tem como fazer nada. Se o seu projeto não tiver gente jovem com energia e as mulheres que estão tocando e decidindo as coisas, que são mais da metade das lideranças desse território, o seu projeto tende a ser fracassado, ou pelo menos não falar com as demandas reais desse lugar. O jovem serve para a gente estar se atualizando o tempo todo, porque eles estão o tempo se atualizando, é tudo muito rápido. E, e as mulheres para a gente ter a noção exata se a gente está indo no caminho certo ou no caminho errado, porque elas que são a frequência, elas são o radar das coisas que estão acontecendo.

Estação Favela: Você considera que esse projeto tem potência de mudar a vida das pessoas?

Preto Zézé: Conhecimento é força. Conhecimento é libertação. Conhecimento é portas abertas. Conhecimento é uma nova forma de olhar as coisas. Conhecimento faz você se perceber, e se você se percebe, você descobre muita coisa a mais em você. Com conhecimento você fica mais forte, e, lógico, o conhecimento muda você, e você vai mudar o território e a realidade que você está. Então, acho que o impacto maior, o legado, é produzir resultados. Mesmo que o projeto acabasse hoje, esses resultados ninguém tira das pessoas que passaram por aqui. E eu acho que essa é a maior tarefa: fazer um projeto em que nós nos tornamos, digamos, desnecessários, porque as pessoas aprenderão a caminhar com suas próprias pernas. O conhecimento que a gente trouxe, as pessoas estão multiplicando uns com os outros. A dinâmica de descobrir potenciais e talentos agora tem vida própria, porque a galera aprendeu a fazer. "Eu vou levar assim, a dinâmica é assim, a gente aprendeu no curso assim". O legado maior é fazer com



que as pessoas continuem e não fiquem mais precisando de um projeto. Pelo contrário, agora elas são as próprias diretoras, as próprias diretrizes. Elas que tocam, elaboram. Eu acho que isso é o grande barato do projeto. Se constrói aqui um novo mundo, um novo conhecimento e novos personagens dessa revolução que está acontecendo. Nós estamos fazendo junto.

Potencializar o futuro da favela para a favela



MORGANA SAMPAIO

Coordenadora Geral do Estação Favela

Para alinhar as ações às necessidades das comunidades atendidas, desde outubro de 2023, a equipe da UFC responsável pela iniciativa realiza visitas regulares às comunidades e mantém um diálogo contínuo com lideranças locais, garantindo que cada etapa do projeto esteja integrada aos contextos vividos. Morgana Sampaio, coordenadora geral do Estação Favela, servidora da UFC, especialista em Gestão Pública e mestre e doutoranda em Gestão de Políticas Públicas, conta como a ideia tomou forma, os princípios que a orientam e os impactos esperados nas comunidades participantes.

Estação Favela: Como foi o processo de articulação com a comunidade que permitiu a realização do projeto Estação Favela?

Morgana Sampaio: O projeto Estação Favela surgiu quando fomos procurados inicialmente pela Central Única das Favelas, através de um grande parceiro da gente, que é o Preto Zezé, para discutir como a universidade poderia chegar à periferia de Fortaleza. Deu muito certo, porque quando o reitor Custódio Almeida assumiu a gestão, ele também tinha o objetivo de levar a universidade para fora dos seus muros, para fora do que a gente conhece dentro da UFC e, realmente, ir para a periferia. Então, o projeto Estação Favela surge como uma provocação da própria comunidade e, em seguida, é abraçado pela instituição. A partir disso, aconteceram articulações entre a universidade, a CUFA e o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania, que também abraçou a proposta de possibilitar que as pessoas que moram na periferia de Fortaleza tenham acesso à educação.

Estação Favela: E como os cursos foram pensados?

Morgana Sampaio: Os cursos foram pensados em diálogo com a comunidade. Nós temos mobilizadores, que são pessoas que moram nos territórios, Barroso e Poço da Draga. Esses mobilizadores fazem uma pesquisa de escuta da comunidade e trazem a demanda dos cursos para a universidade e, neste passo, nós da coordenação do projeto entramos em contato com pessoas que são de dentro da UFC, alunos, ex-alunos, docentes, bolsistas, e também pessoas de fora da universidade que tenham o *know-how*, conhecimento para administrar esses cursos. Nesse sentido, tivemos vários cur-

sos que foram ministrados por pessoas de dentro da universidade. A gente teve um que foi ministrado pelo Gutiérrez Réges (cinegrafista), que trabalha na UFC. A gente também teve um pelo Norton Falcão (Secretário-adjunto de Comunicação e Marketing da UFC). De estudantes, a gente teve o Bruno Balacó, que também é da pós-graduação em Comunicação. Tivemos outras pessoas ministram cursos e que não são de dentro da instituição: o Léo Suricate, o Gabriel (Biel), que trabalhou no filme *O Shaolin do Sertão*, e pessoas dos próprios movimentos sociais. Estamos agora com o Davi Favela, que é da CUFA e está proporcionando um curso de grafite. Então, essa procura vem, e a gente busca quem é a melhor pessoa para fazer essa capacitação. É importante frisar que é uma troca. A universidade não tem o saber único e absoluto. Então, essa troca também vem da CUFA e dos movimentos que estão ali articulados. A gente ensina e aprende dentro da universidade.

“Eu acho que o primeiro objetivo do Estação é fazer com que as pessoas tenham sonhos. Porque esses sonhos, muitas vezes, deixam de ser nutridos porque não há uma perspectiva de conseguir entrar na universidade.”



Estação Favela: Como você enxerga a relevância do projeto para as comunidades?

Morgana Sampaio: Eu gosto muito de falar que o projeto inspira sonhos. Que consegue trazer para as pessoas que moram lá no Barroso, lá na Draga, ou perto dessas regiões, no Moura Brasil, no Jangurussu, a perspectiva de um sonho. Porque, às vezes, a pessoa começa fazendo um curso básico de celular, como o Fotografia de Celular, e isso desperta que ela poderia trabalhar com celular ou que ela pode fazer, futuramente, um curso de edição básica e co-



meçar a empreender, fazer ações dentro do próprio bairro. Então, eu acho que o primeiro objetivo do Estação é fazer com que as pessoas tenham sonhos. Porque esses sonhos, muitas vezes, deixam de ser nutridos porque não há uma perspectiva de conseguir entrar na universidade. Então, nesse sentido, eu acho que a universidade, saindo dos seus muros, indo para a periferia, consegue colocar o bichinho da felicidade ali na cabeça da pessoa e dar esse sonho para ela, para que futuramente ela desperte para outras ideias, outras conquistas, e é isso que o Estação vem fazendo.

*Construindo
saber junto à
comunidade*



DIANA AZEVEDO

Vice-reitora da UFC

O projeto Estação Favela tem como público-alvo prioritário jovens, mulheres e pessoas negras, com o objetivo de promover equidade e melhorar a qualidade de vida nas comunidades atendidas. Uma das figuras centrais dessa iniciativa é Diana Azevedo, vice-reitora da UFC, doutora em Engenharia Química e membro titular da Academia Cearense de Ciências (ACECI), além de ser a única mulher latino-americana eleita para a Sociedade Internacional de Adsorção. Diana tem interesse particular em ações afirmativas e políticas públicas que promovam maior equilíbrio de gênero nas carreiras de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). Nesta entrevista, ela compartilha sua visão sobre o Estação Favela como um dos caminhos possíveis para uma universidade mais diversa e conectada com as diversas realidades sociais.

Estação Favela: Professora Diana, como você definiria o projeto Estação Favela?

Diana Azevedo: O Estação Favela, para nós da UFC, foi um marco de aproximação dos territórios em que a universidade está instalada, de uma forma institucional, para além dos projetos que nós já tínhamos individualmente em cada uma das unidades acadêmicas. Então, principalmente pela articulação com a Central Única das Favelas (CUFA), que tem uma capilaridade nesses territórios, e com o apoio do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, de fato, para a UFC, o Estação Favela foi um marco de aproximação, formação, capacitação e de dar-se a conhecer por essas comunidades, especificamente do Barroso e do Poço Da Draga.

Estação Favela: Você é reconhecida pela sua atuação de incentivo à participação das mulheres na Ciência e pelo empreendedorismo. Sob essa perspectiva, como você avalia essa iniciativa de extensão pensada para as comunidades periféricas, com uma atenção especial para os jovens e para as mulheres?

Diana Azevedo: Quando o Estação Favela foi concebido, um ponto importante é que ele foi concebido e as temáticas dos cursos foram propostas pela própria comunidade, nós não pensamos especificamente no público feminino, mas o fato é que hoje, decorridos um ano e meio praticamente, o que nós temos é que mais de 50% das pessoas que participam dos cursos são mulheres jovens, que estão na faixa dos 20 aos 40 anos. Em geral, são pessoas que têm o ensino médio, ou seja, podemos deduzir que são mulheres que têm uma primeira formação e estão tentando se capacitar para

“Estação Favela é, não só a capacitação, essa que é muito importante, como também mostrar a cara dessa instituição para comunidades que não cogitavam que seus filhos, seus netos, poderiam entrar na instituição”

dar mais possibilidades de crescimento socioeconômico para as suas famílias. Então, isso para nós, que somos uma universidade que se baseia na vida e na democracia, e, principalmente, também na inclusão como ponto forte da gestão, essa é uma bela e grande notícia.

Estação Favela: Como você avalia esse movimento de aproximação entre a UFC e as comunidades?

Diana Azevedo: Bem, a presença da UFC nas comunidades, particularmente através do Estação Favela, tem se intensificado cada vez mais e não poderia ser diferente, porque em geral são territórios que geralmente ouvem falar da universidade como algo muito distante e inalcançável. Então, um outro desdobramento também do Estação Favela é, não só a capacitação, essa que é



muito importante, como também mostrar a cara dessa instituição para comunidades que não cogitavam que seus filhos, seus netos, poderiam entrar na instituição. Muitas pessoas ainda desconhecem que essa é uma instituição pública e gratuita, com cotas para a escola pública. Então, de fato, esse é um dos grandes ganhos também que eu avalio, um dos grandes desdobramentos do Estação Favela. Fico muito feliz que isso tenha acontecido.

Estação Favela: Como você percebe essa convergência entre a chegada da Universidade ao poço da Draga, por meio do novo Campus Iracema, e a criação do Estação Favela?

Diana Azevedo: Bem, já estava anunciado em toda a imprensa que a UFC está se expandindo com o Campus Iracema. E foi uma feliz coincidência do destino de que o projeto

Estação Favela estivesse dando os seus primeiros passos, quando também começaram as primeiras negociações para a cessão do terreno do antigo Acquário, para a instalação de equipamentos da universidade. No primeiro momento, particularmente o Labomar (Instituto de Ciências do Mar). Então, a aproximação que o Estação Favela nos proporcionou da comunidade do Poço Da Draga e a possibilidade de dialogar permanentemente com eles foi muito bem-vinda, porque, de fato, esse novo equipamento que vai se instalar é da comunidade, e a comunidade pertence também a esse novo equipamento. Então, de fato, a gente está dando consequência a essa relação dialógica entre a Universidade e os territórios em que ela está instalada na prática. Isso nos dá muita alegria.

Caminhos de desenvol- vimento no Barroso



PIQUENO

**Presidente da CUFA Ceará e coordenador
da sede Barroso**

O projeto Estação Favela se destaca por integrar saberes acadêmicos e populares, promovendo impacto duradouro nas comunidades e fortalecendo seu desenvolvimento social e econômico. Francisco Wilton dos Santos, conhecido como Piqqueno, é presidente da CUFA no Ceará e coordena o Estação Favela na comunidade do Barroso. Ele compartilha, nesta entrevista, sua visão sobre o poder transformador dessa articulação.

Estação Favela: Como você avalia a experiência do projeto Estação Favela?

Piqqueno: O projeto Estação Favela é a realização daquilo que a gente sempre desejou fazer. Quando a gente está nesses territórios, a gente começa a conversar com as pessoas, com homens, mulheres, jovens. Por exemplo, na Taça das Favelas, que é a maior competição de futebol entre favelas do mundo, nas formações, nos workshops, nas trocas de ideias que a gente tem com as pessoas, sempre surge a ideia de que a CUFA poderia promover cursos, que a CUFA poderia encaminhar para o mercado de trabalho. E aí, numa conversa que a gente teve com o pessoal do Ministério dos Direitos Humanos, a gente pensou em fazer esses cursos, promover essa parceria, e de imediato, também buscar uma parceria com a universidade para ofertar esses cursos a esses jovens. Então, quando surgiu essa oportunidade, de imediato a gente já construiu o projeto e fechamos isso. E hoje o Estação Favela está funcionando tanto no Barroso quanto no Poço da Draga.

Estação Favela: E como foi o processo de organização de um projeto como esse?

Piqqueno: O processo é muito demorado. É um processo, assim, importantíssimo, porque a gente precisa entender, de fato, quem são as pessoas que a gente vai atender e quais são os cursos que a gente vai ofertar. Então, a gente não poderia trazer um curso para cá se a gente não soubesse que teria público. Primeiro a gente fez uma troca de ideia com essas pessoas. Fizemos uma pesquisa aqui, voluntária, para saber quais eram os cursos que seria importante que a CUFA

ofertasse. Em paralelo a isso, a gente também tinha que ofertar cursos que tivessem vagas no mercado de trabalho. Porque não adianta a gente formar jovens no curso da área da informação, no curso da área de produção de eventos, se o mercado não puder acolher essas pessoas. Então, primeiro a gente pensou no Poço da Draga, porque ali na Praia de Iracema vai ser o novo campus da UFC. Então a gente pensou naquele ambiente muito na perspectiva da praia, do (Centro Cultural) Dragão do Mar, do que o bairro oferta. Então, foram cursos na área do turismo, na área de produção de eventos. E pensando nisso, a gente viu que o mercado realmente tinha vaga de emprego para esse público. Então, a nossa ideia era formar essa população, essa juventude que nem estuda, nem trabalha, que para nós é um outro público, que chamamos de "invisíveis", porque só quem enxerga eles somos nós e a polícia. Então, pensamos: "como é que a gente traz esse público para dentro, usando uma didática, uma educação menos formal, que seja mais atrativa, para além do curso?". Então, pensamos principalmente em qual era o público que a gente queria trazer para dentro do nosso espaço.

Estação Favela: E quais são os benefícios concretos?

Piqqueno: Bom, durante o curso a gente tem a feira. Além de ser uma feira onde os empreendedores podem comercializar seus produtos, a ideia é que a gente agregue mais pessoas e faça com que essas pessoas conheçam o trabalho que a gente vem desenvolvendo nessa tripla parceria, entre a CUFA, a UFC e o Ministério de Direitos Humanos. E, paralelo ao que vem acontecendo com a feira, a gente também está trazendo outras pessoas para serem expositores nesses espaços. Então, quando a gente tem a feira, a gente

está colocando na feira a culminância daquilo que a gente vem desenvolvendo. Os meninos recebem o certificado do curso de informática na feira. A gente começa a buscar parceiros que possam investir nesses empreendedores, como o Banco do Nordeste, e instituições que possam trabalhar para além do produto comercializado, com a educação financeira. Então, a gente pensou no SEBRAE. Então, é um conjunto de ações que a gente vem desenvolvendo, é um conjunto de parceiros que a gente busca sempre para poder fomentar e desenvolver melhor esses projetos. Então, não temos como mensurar os impactos que geram. Mas, quando a gente traz essas pessoas para a feira e vê que elas estão participando, produzindo, comercializando, vendendo e ganhando dinheiro com aquilo, a gente já comece a perceber que, realmente, o projeto está tendo impacto, direcionamento correto, e percebemos que estamos no caminho correto.

Estação favela: Quem pode participar dos cursos? Como os professores são escolhidos?

Piqqueno: Aqui, as inscrições são abertas para adolescentes a partir de 14 anos, tanto meninos quanto meninas, para qualquer curso. É tanto que eu tenho um curso aqui que tem jovens de 14 anos e tem senhoras de 50 anos. E, é até interessante, porque as senhoras recebem o certificado, algumas falam que é o primeiro certificado que têm na vida. Não concluíram os estudos, começaram a trabalhar cedo, então, muitas delas estão buscando essa formação já na terceira idade. E isso faz com que a gente comece a pensar noutra perspectiva, outros projetos. A gente está precisando fazer um curso de liderança digital, que é na área da informática, para essas mulheres e homens da terceira idade. Amanhã, a

gente vai ter uma conversa com o professor que vem alfabetizar essas pessoas. Então, assim, sempre que surge um projeto, que surge uma demanda, a gente sempre busca uma solução para isso. O nosso objetivo real, primeiro, é formar as turmas, isso como contrapartida de algumas ações que a gente faz aqui na CUFA e, em seguida, colocar elas no mercado de trabalho, porque esse é nosso propósito. Por isso, a gente vem fazendo parcerias com a Secretaria de Proteção Social, para encaminhar os jovens para o Primeiro Passo, primeiro emprego, com empresas aqui da área, com supermercados, com logística, para que esses jovens tenham independência financeira e construam seus sonhos. Porque hoje, se você perguntar a um brasileiro, o primeiro sonho é ter um negócio próprio, o segundo sonho é ter a casa

“A nossa ideia era formar essa população, essa juventude que nem estuda, nem trabalha, que para nós é um outro público, que chamamos de “invisíveis”, porque só quem enxerga eles somos nós e a polícia.”



própria, mas quando a gente fala com um jovem ou um adolescente, o primeiro sonho dele é trabalhar, ter seu primeiro emprego. Então é muito nessa linha de ação que a gente tenta buscar parcerias e fazer com que essas oportunidades cheguem realmente a essa juventude.

Estação Favela: E qual retorno vocês têm tido das comunidades?

Piqqueno: Muitos pedidos. A estação favela está acontecendo hoje somente no Barroso e no Poço da Draga, então há pedido para ampliar. O nosso projeto já está pronto, se for aprovado, se o aditivo for assinado, a gente vai ampliar o nosso território para locais como Quadras, Pantanal, Serviluz, para as áreas do Jangurussu, da Rosalina, porque há muitos pedidos desses territórios para que a gente leve esses custos também e comece a organizar esses espaços. Quando eu levo um curso para o Pantanal, e eu vou levar um curso na área de grafite, na área de desenho, a minha ideia é contratar o cara do território para poder fortalecê-lo no território e fortalecer as outras pessoas que já desenvolvem isso. Então, cada território às vezes tem uma vida própria. Aqui deu certo fotografia, às vezes no outro bairro, na outra favela, não dá certo. Então o que é que dá certo lá? A gente vai buscar o que o território tem de identidade. Como disse, não adianta a gente levar os cursos se as pessoas não se identificam, se não tem demanda, por exemplo. Então a nossa ideia é construir a partir do que eles pensam, não a partir do que a gente deseja, não para empurrar goela abaixo. É sempre nessa construção da parceria mesmo.

Desafios e oportuní- dades no Poço da Draga



FELIPE SOUSA

Coordenador da CUFA Poço da Draga

Nesta entrevista, Felipe compartilha os desafios enfrentados à frente do projeto e reflete sobre como o Estação Favela pode contribuir para transformar realidades.

Estação Favela: Como você avalia a experiência do projeto?

Felipe Souza: O Estação Favela chegou junto com a gente aqui na Cufa Poço da Draga para dar o *start* aos projetos. O nome “UFC” não estava bem aqui dentro da comunidade, nos tempos de 2023, quando foi anunciado o Labomar, as construções que iam rolar em torno do Poço da Draga, da Praia de Iracema. Estava um caos muito grande de conversas, de fake news. Diziam que a UFC estava vindo para dentro da comunidade para retirar os moradores, porque esse sempre foi um impasse, sempre houve um medo da comunidade sobre essa situação. Então, a vinda conjunta da UFC e do Estação Favela foi uma maravilha, porque a gente conseguiu ter um novo laço com a comunidade e as pessoas acreditaram na UFC veio para ficar, veio para estar, para colaborar com as demais.

Estação Favela: E como foi o processo de organização do projeto?

Felipe Souza: A organização do projeto Estação Favela não foi fácil para a gente. Como eu falei, estava sendo o nosso primeiro ano de base aqui no Poço da Draga. Nós da CUFA já temos algumas ações, mas sem base fixa, sem cursos fixos, como a gente teve com o Estação. Então, foi bem *hard* para a gente. Foi bem complicado para administrar. Mas, como se fala, sou uma pessoa só. Eu, como coordenador, não consigo e não faço nada sozinho. Então, tive uma equipe que está junto comigo, que deu de conta. E a gente está fazendo isso acontecer. A gente conseguiu executar muito bem, com êxito. Preparamos pessoas maravilhosas, que agora estão, através do curso, colocando o conhecimento em prática. Aqui,



começamos com (curso de) produção cultural. Tivemos de podcast, de comidas típicas, de salgados, também tivemos de contabilidade, de audiovisual e agora estamos finalizando o curso de edição de vídeo básica.

Estação Favela: Quais foram os resultados concretos?

Felipe Souza: O benefício concreto é isso, eu torno a falar: a UFC chegou para estar e permanecer. E também foi benefício ter pessoas capacitadas, que hoje estão no mercado de trabalho, executando o que aprenderam nos diversos cursos que o Estação Favela, juntamente com a UFC, a CUFA e o Ministério dos Direitos Humanos, fizemos acontecer aqui no Poço da Draga e também no Barroso.

Estação Favela: Vocês receberam feedbacks da comunidade sobre as ações?

Felipe Souza: Sim, com certeza. Tivemos vários feedbacks e também temos vários pedidos para que o curso seja renovado, porque, como eu falei, tivemos um ano para executar esse projeto, mas estamos aí todo dia, com os alunos chegando, mandando mensagem, perguntando quais são os próximos cursos, quando será a próxima turma e assim estamos indo.

Transformar
o saber em
potência
comunitária



ROBERTO MOURA

Professor

Os cursos do Estação Favela são ministrados por servidores e professores da UFC, profissionais que residem nas comunidades ou pessoas que tenham habilidades necessárias para dar os cursos solicitados por cada local. Roberto Moura é professor do Estação Favelas na sede do Barroso, onde já ministrou dois cursos: informática básica e montagem e manutenção de computadores (hardware). Nesta entrevista, ele compartilha a experiência de ensinar tecnologia a pessoas que, muitas vezes, partem do zero e relata a emoção que sente ao acompanhar o crescimento, o interesse e a superação de cada aluno ao longo do processo.

Estação Favela: Professor Roberto, me fala um pouco da sua experiência e sobre o que te motiva a dar aulas para o Estação Favela na sede da CUFA no Barroso?

Roberto Moura: Eu trabalho na área da computação há quase 30 anos e adoro administrar aulas, sobretudo para pessoas que estão iniciando ainda suas carreiras na parte de informática e também há pessoas que não entendem absolutamente nada de computador. Eu tenho prazer em ensinar, por isso que eu tô aqui na CUFA, ensinando pessoas que não sabem absolutamente nada de informática. Eu tenho esse amor por essas pessoas, por transmitir para elas o conhecimento através da empatia, utilizando as ferramentas necessárias para que elas entendam a parte da informática.

Estação Favela: Como foi a experiência de ministrar esses cursos? Quem é o público-alvo?

Roberto Moura: O público-alvo são todas as pessoas interessadas em aprender informática. Adolescentes, jovens, adultos e também pessoas da terceira idade. Então, todos são bem-vindos. Ministrar esse curso para mim é uma experiência maravilhosa, porque eu adoro, eu gosto de transmitir informação. Gosto muito da minha profissão, de ser professor, e gosto muito de ensinar, pessoas realmente interessadas em aprender, seja de qualquer idade. Então, a experiência foi maravilhosa, gostei muito e espero permanecer aqui na CUFA o tempo necessário.

Estação Favela: Como foi o processo de estruturação do curso? Quais foram os principais desafios e o que você mais gostou?

Roberto Moura: Bom, 30 horas de aulas, ou seja, 15 dias de

aula, não são suficientes para que a gente faça um curso completo, digamos assim, porque na minha época, quando eu era mais jovem, os cursos eram mais extensos. Então, aqui na CUFA a gente ministra um cursos de 30 horas, ou seja, 15 aulas. E nesses 15 encontros a gente prepara as pessoas, dando ênfase às partes principais da introdução, do desenvolvimento e da conclusão do curso. Então, com a minha experiência, a gente ajuda essas pessoas a aprenderem da melhor forma possível, utilizando o nosso valor empírico. A gente pega todas as partes fundamentais do curso e transmite para elas com muito amor e carinho.

Estação Favela: Quais foram os pontos que você deu mais atenção?

Roberto Moura: Sobretudo as pessoas que não sabem absolutamente nada. Inclusive, nós temos uma aluna que se desenvolveu muito bem aqui. Ela não sabia, para vocês terem uma ideia, nem pegar no mouse. Então, ao perceber isso, nós a ensinamos e hoje ela faz cálculos em planilhas do Excel. Por isso eu tenho um orgulho muito grande em dar atenção a esse público que não sabe de absolutamente nada de informática.

Estação Favela: E qual foi o retorno que você recebeu dos alunos em relação aos cursos que ministrou?

Roberto Moura: Retorno de muito carinho, muito amor, muita consideração. Eu recebo diariamente elogios dos alunos, recebo abraços, recebo recados através do WhatsApp, agradecimentos e isso para mim é muito gratificante. Eu acho que esse é o retorno de ser professor. É você transmitir para os alunos aquilo que você conhece e receber em troca o amor, o carinho, um abraço e um agradecimento pelas aulas ministradas.

*Juventude
que articula
possibili-
des*



ROBERT LOPES

Articulador social

Uma das grandes forças do projeto Estação Favelas são articuladores: moradores das próprias comunidades que identificam as demandas locais de capacitação e atuam na divulgação dos cursos ofertados. Andrews Kauan é um desses jovens articuladores, atuando diretamente na ponte entre o projeto e a comunidade. Nesta entrevista, ele fala sobre o papel de escuta ativa e mobilização social que desempenha e como essa atuação tem ampliado oportunidades e contribuído para o desenvolvimento do território.

Estação Favela: Como foi o processo de articulação com a comunidade para divulgar o projeto?

Robert Lopes: Bem, o projeto Estação Favela chegou para ser criado junto com a comunidade. Então, sempre foram ouvidas as demandas da comunidade, sempre buscando entender o que os locais e os moradores precisavam naquele momento. Os cursos de culinária, por exemplo, sempre estavam lotados, porque foram uma demanda da comunidade e foram criados em conjunto. Então, os cursos como de salgadeiro, de panificação e de edição de vídeo foram demandas da comunidade, por isso foram muito bem recebidos. Todos os moradores interagiram, na medida do possível. Nós também sempre flexibilizamos os horários, pois algumas pessoas trabalhavam de manhã e não conseguiam vir nesse horário, então mudamos a maioria dos cursos para a tarde ou para a noite. Sempre adaptamos tanto o dia quanto o horário para abraçar a comunidade como um todo e não somente uma parcela. Isso porque a comunidade desde que foi fundada, sempre foi excluída. E a CUFA, a UFC, o Estação Favela, e o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania chegaram para abraçar a comunidade, não para segregar.

Estação Favela: Como foi a experiência de participar como articulador? Você fez alguns cursos ou se limitou a fazer essa articulação com a comunidade? O que fica dessa experiência?

Robert Lopes: Eu não só articulei com a comunidade, também participei de alguns cursos. Um deles foi o de fotografia com o celular, com a professora Jenny, onde eu aprendi um pouco a manipular o meu celular para tirar algumas fotos. E agora faço isso até mesmo para o projeto, para colocar



nas minhas redes sociais. Também foi muito inspirador ajudar pessoas. As senhoras, muitas delas da culinária, que não tinham a certificação, se qualificaram e conseguiram entrar no mercado de trabalho.

Estação Favela: Na sua visão, que diferença o projeto faz na comunidade, principalmente na vida dos jovens?

Robert Lopes: Bem, o projeto Estação Favela tem que estar na comunidade e foi feito para a comunidade. Pois as comunidades como um todo, não só o Poço da Draga e o Barroso, sempre foram segregadas e os moradores sempre foram taxados como pessoas que não tinham capacidade. Então, quando um projeto entra dentro da comunidade, junto com a CUFA, com a articulação da UFC e do Ministério dos Direitos Humanos, eles tiram esse preconceito de lado e colocam as pessoas, a favela, o preto favelado, como principais atores desse cenário.

Conhecimento que nasce no território e move o mundo



PATRÍCIA SOUSA

Aluna dos cursos no Poço da Draga

REGINALDO PEREIRA

Aluno dos cursos no Barroso

Com foco na capacitação e inclusão social de comunidades periféricas de Fortaleza, o Estação Favela utiliza a educação como ferramenta central para impulsionar o desenvolvimento local e ampliar oportunidades para seus moradores, fortalecendo tanto a formação profissional quanto a inclusão social.

Patrícia Souza, aluna da sede do Poço da Draga, e Reginaldo Pereira, da sede do Barroso, compartilham suas experiências e mostram, por meio de seus relatos, como o projeto tem despertado novas perspectivas de futuro a partir do conhecimento adquirido.

Estação Favela: Patrícia, como foi a sua experiência com o projeto?

Patrícia Souza: Eu fiz os cursos de empreendedorismo e de mídias digitais. No começo dos cursos, nós vimos a possibilidade de ajudar os empreendedores do bairro fazendo cursos nas áreas que mais pessoas estariam interessadas, que é a de comidas. E aí a gente deu a para a diretoria do projeto. Eu tenho uma padaria aqui no bairro, e disponibilizei o espaço da minha padaria para que fossem feitos esses cursos. E então foi, assim, muito bom. Tivemos cursos de comidas típicas, de massas, de salgados comerciais, e começamos o curso de panificação. Foram cursos que tiveram 100% de aproveitamento. Todas as turmas lotadas, a maioria com duas turmas para conseguir receber o tanto de pessoas que procuravam. Então foi uma experiência maravilhosa. Muitas dessas pessoas não sabiam cozinhar, compravam salgado de outras pessoas e agora elas estão fabricando os seus próprios salgados. E tudo por intermédio dos cursos da Estação Favela. Não foi apenas um projeto, foi divisor de águas. Inclusive até para mim, porque antes eu comprava salgado fora. E hoje eu que fabrico os meus salgados lá na padaria que eu trabalho. Então, em nome de todos os empreendedores do Poço, a palavra é gratidão. Muito obrigada! Foi um projeto que realmente somou muito na vida de muitas pessoas aqui.

Estação Favela: Reginaldo, como foi a sua experiência com os cursos do Estação Favela?

Reginaldo Pereira: Eu estou fazendo o curso de manutenção de computadores, e está sendo muito proveitoso, muito proveitoso mesmo. O conhecimento que a gente está adquirindo

do professor é algo extraordinário, é algo muito gratificante. A gente vê que é passado algo espetacular. O curso é administrado em 30 horas, em 15 dias, mas é algo que gratifica a pessoa. Muito bom mesmo. O curso é bem administrado, e a CUFA nos proporciona um acolhimento muito forte.

Estação Favela: E como você imagina que esse curso vai te beneficiar profissionalmente tanto hoje, quanto no seu futuro?

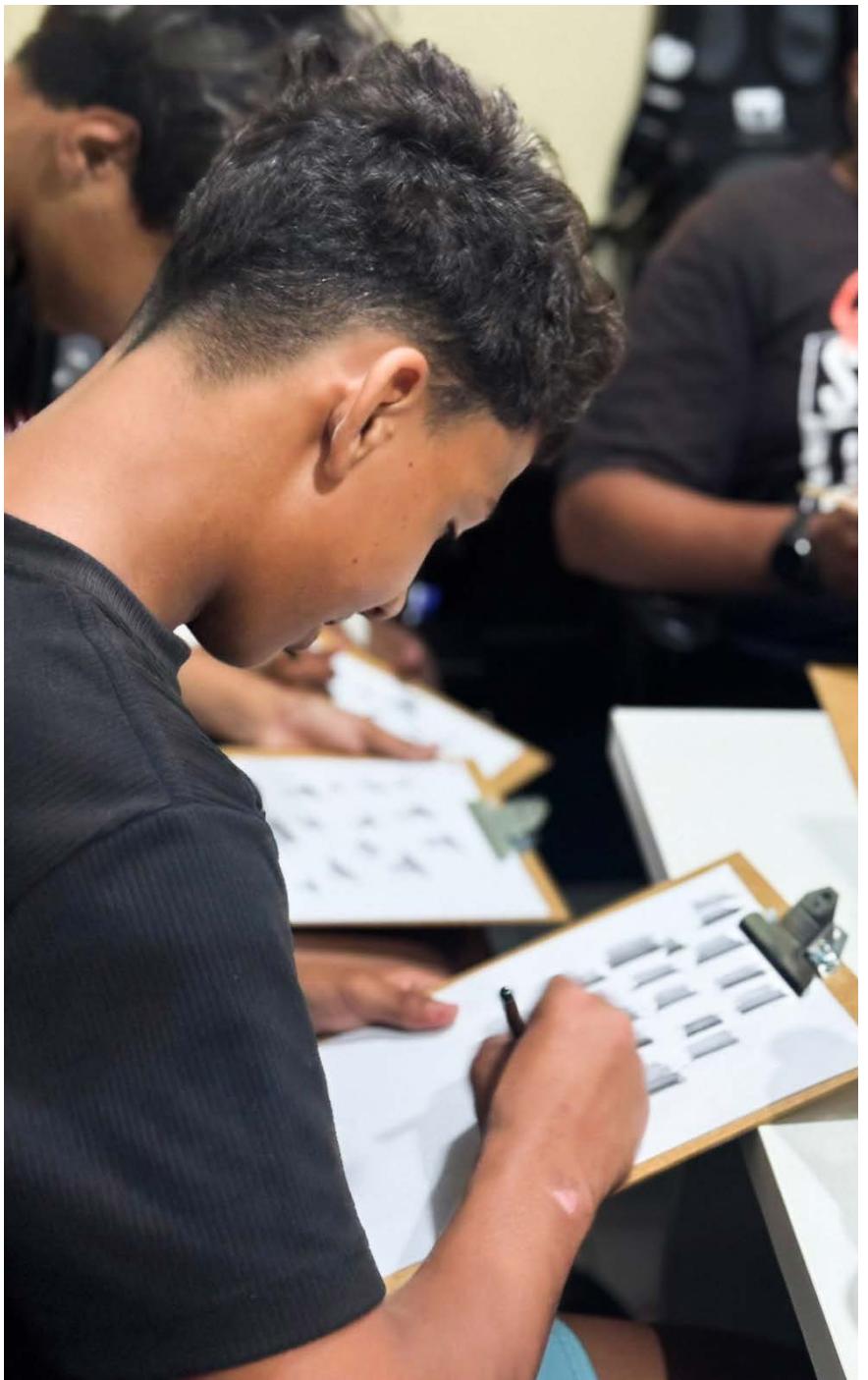
Reginaldo Pereira: Esse curso de manutenção de computadores é algo que eu já procurava há muito tempo. É algo que eu me identifico muito, que eu gosto muito. Já trabalho na parte de computação também, mas não tinha essa experiência de manutenção.

É algo que eu sou apaixonado. É algo que eu fico maravilhado. O professor sabe que eu me identifico muito, e que é isso que eu quero para a minha vida: trabalhar com computação, aprofundar cada vez mais meu conhecimento em relação à computação.

Aqui nós somos muito bem acolhidos, é algo extraordinário. Muito, muito gostoso estar aqui participando dos cursos de todo tipo. E esse de computação é algo maravilhoso, é algo que eu quero para a minha vida. Eu vou me aprofundar cada vez mais nesse conhecimento adquirido, porque vai ser algo que eu vou levar para o futuro, e, consequentemente, talvez seja a minha profissão.

NOSSO MOVIMENTO

**Toda imagem carrega uma história: nas
lentes do Estação Favela, o cotidiano
vira resistência, trabalho e arte.**





















O PRESENTE PARA OUTROS FUTUTOS

**Contar uma história como esta,
não significa fechar um ciclo, mas
reconhecer a potência de tudo
aquilo que ainda está por vir.**

**Ser farol para
comunidades se
desenvolverem
em todos os seus
potenciais**

O projeto Estação Favela nasceu da esperança de que o conhecimento é uma ferramenta poderosa de transformação. Ao longo desta jornada, estivemos lado a lado com pessoas que carregam histórias marcadas por desafios, mas também por uma força de recomeço. Nas comunidades do Poço da Draga e do Barroso, encontramos não apenas vulnerabilidades sociais, mas sobre tudo talentos, sonhos e o desejo genuíno de mudança.

Os cursos oferecidos, com foco no empreendedorismo, foram mais do que capacitações técnicas: foram sementes lançadas com esperança, escuta, afeto e compromisso. Cada aula, cada oficina, cada feira e cada conversa construiu pontes entre o saber acadêmico e a sabedoria das ruas, entre a universidade e a comunidade, entre o hoje e um amanhã possível.

Ver essas pessoas se redescobrindo como protagonistas de suas próprias trajetórias nos ensinou que empreender, nesses contextos, é também um ato de resistência, de coragem e de afirmação de identidade. Muitas histórias começaram a se reescrever a partir daqui — histórias de mães que

agora vendem seus produtos com qualidade e orgulho e de jovens que enxergam no seu talento um caminho.

Encerramos este ciclo com gratidão e esperança e partimos com a certeza de que cada história tocada seguirá pulando para além de qualquer relatório. O Estação Favela não termina aqui. Ele continua nas ações diárias de cada pessoa impactada, nos pequenos negócios que florescem, nas ideias que saíram do papel, nas redes de apoio que se formaram. O projeto termina, mas o movimento continua nos pequenos comércios que surgem, nas ideias que amadurecem e nas redes que se fortalecem. Este é apenas o começo de uma transformação que é silenciosa, mas profunda; que é individual, mas também coletiva. Porque empreender, nestes territórios de ausência, é também sonhar de olhos abertos.

Com um planejamento estruturado e a colaboração de diversas instituições, o projeto possui um potencial considerável para gerar um impacto duradouro. O sucesso do Estação Favela poderá servir como um modelo inspirador para outras iniciativas semelhantes em diferentes regiões do Brasil, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Ademais, a continuidade e a expansão do projeto poderão revelar novas oportunidades e desdobramentos, reforçando a educação como uma poderosa ferramenta de transformação social. Que o futuro siga sendo construído com empatia e oportunidades. E que possamos, cada vez mais, fazer da universidade um espaço aberto, acessível e comprometido com a vida real, com as vozes que por muito tempo foram silenciadas, e com os sonhos que agora encontram espaço para crescer.

O Estação Favela não termina aqui. Ele continua nas ações diárias de cada pessoa impactada, nos pequenos negócios que florescem, nas ideias que saíram do papel, nas redes de apoio que se formaram.

Amelia

ESTAÇÃO *Favela*



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA CIDADANIA

GOVERNO FEDERAL



www.estacaofavelaufc.com.br